

## O inaudível canto das sereias

Eu ouvi o canto das sereias  
E fui devorado por elas

No excelente texto, *As sereias de Leopold Bloom*, Luiz-Olyntho, também nosso grande amigo em Joyce, nos fala:

[...] Se me permitem a liberdade, tomarei da gramática francesa um tempo entre o passado composto e o futuro anterior, para falar-lhes de um episódio ocorrido daqui a pouco, às 16 horas desse dia: tratarei das sereias.

[...] Há música no ar. As sereias são capazes de enfeitiçar até o vento... E se elas enfeitiçam até o vento, é porque elas continuam enfeitiçadas...

[...] Afrodite tê-las-ia metamorfoseado em pássaro com a cabeça e tronco de mulher, e também como peixe da cintura para baixo. Não podendo então usufruir do prazer, atraíam os homens para devorá-los. Assim que, de um modo ou de outro, eram umas devoradoras de homens...

[...] Mas as sereias carregam consigo ainda uma característica semântica, a qual, na verdade, foi a que me levou a falar delas para vocês... Não tem a música o poder de nos envolver?

E Olyntho, também comenta sobre:

As características do fluxo de consciência

O conceito de “fluxo de consciência” foi cunhado por William James e se referia ao turbilhão de pensamentos na mente consciente, isto é, toda a gama de impressões, sensações, raciocínios que se desenrolam em nível superficial.

A definição básica de William James é a seguinte:

"O primeiro e mais importante fato concreto que cada um afirmará pertencer a sua experiência interior é o fato de que a consciência, de algum modo, flui. “Estados mentais” sucedem-se uns aos outros nela. Se pudéssemos dizer “pensa-se”, do mesmo modo que “chove” ou “venta”, estaríamos afirmando o fato da maneira mais simples e com o mínimo de presunção. Como não podemos, devemos simplesmente dizer que o pensamento flui." (JAMES, William. *The Stream of Consciousness*. 1892)

E em mim o pensamento flui... flui... flui como um ciclone, confundindo tudo. E não há jeito senão apelar para o monólogo interior – totalmente descabido: será que as epifanias de Joyce não são cantos que ele ouviu das sereias?

As epifanias do canto das sereias, ouvidas e escritas por Joyce, foram espalhadas por bibliotecas do mundo inteiro. Mas, até hoje, dizem, ninguém conseguiu entendê-las e nem mesmo daqui a 300 anos vão conseguir – senão seremos sumariamente devorados!

Joyce dissolve-se em luz e trevas, quebrando as ilusões com sua natural irreverência – ele estudou as epifanias de São Tomás acompanhado de duas sereias – belezas venéreas –, Nelly Fresca e Rosália, a puta do cais de carvão – momento místico e trivial, simbolizando a própria transmutação que as epifanias sofrem ao passarem das mãos de um santo homem para as de um homem pecador... Esquisito... Acho que estou sonhando... as minhas ideias misturam-se às palavras distantes de Lacan – “não há *rapport* sexual”. Na verdade, as sereias não têm sexo, e por que elas me devoram? me cantam... me cantam... e me encantam... Estranho, uma das sereias, Lygia, aquela que Joyce chamava de Lydia, parece cantar algo assim:

Ah, sim... eu estava na ca...pe...la – sou pura, mas devassa  
Ninguém me entende, ninguém me ouve – sou não toda  
Seduzo e devoro todos os homens – sou a Nora  
Meu canto não é desse mundo – sou Ligia a sereia

Ah! Lydia... Lydia, eu te amo... eu te odeio – eu sou Ulysses!

Sê bem-vinda, ó vida! Eu vou ao encontro, pela milionésima vez, da realidade e da experiência, a fim de moldar, na forja da minha alma, a consciência inda não criada da minha raça.

Velho pai, velho artífice, mantém-me, agora e sempre, em boa forma.<sup>1</sup>

Epifanias vazias de sentido, *la puta que te parió!*... E minha mãe sem nora... Na verdade, para não serem devorados por uma linguagem paradoxal, os homens têm medo de ouvir, de Joyce, o inaudível canto das sereias. E, assim, não conseguem apreender as significantes metáforas que acompanham a sinfonia joyciana. Mas, interessante, mesmo acreditando que não há metáforas nem mesmo sentido nessas epifanias, muitos as acham maviosas! Mal sabem que sentem isso porque esse canto inaudível inundam-nos com a beleza de uma outra linguagem, embora sem entendê-la. Mesmo assim não se deixam devorar pelas sereias porque estão com os ouvidos tapados para outra linguagem que não a aristotélica.

Mas para entendermos dessa outra linguagem paradisíaca, em que *o corvo não é negro* nem *a neve é branca*, é preciso voar mais alto e enfrentar os mares para ouvir o cantar das sereias e por elas ser devorado.

Eu sou Ícaro, eu sou Ulysses... Ulysses! Eu me deito com Lydia, a ruiva devassa e por ela sou devorado.

Carlos Eduardo Pinto Carvalheira  
Recife, 16 de junho de 2010

---

<sup>1</sup> JOYCE, James, *Retrato do Artista quando jovem*; trad. José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p.287.